

Separar o lixo de maneira correta

RODRIGO OLIVEIRA

Presidente da Green Mining, startup brasileira acelerada pela Cervejaria Ambev e que atua na coleta seletiva e logística reversa de forma inteligente e eficiente

Implantar a coleta seletiva na rotina dos brasileiros sempre foi um desafio muito grande. Porém, com a chegada do novo coronavírus, o período de quarentena e distanciamento social, o problema pode se agravar com o aumento na geração do resíduo doméstico. Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), estima-se um crescimento de 15% a 25% na quantidade de resíduos sólidos domiciliares durante este período.

Mesmo sendo natural que o descarte de resíduos seja elevado nesses dias, está mais do que na hora de utilizar o tempo dentro de casa para implantar a coleta seletiva na rotina familiar, separando os recicláveis corretamente. Afinal, este é o primeiro e o mais importante passo para que seja possível reintroduzir embalagens pós-consumo na cadeia produtiva, evitando a exploração de recursos naturais e emissões de CO₂ desse processo.

Quando o material é separado corretamente por tipo (vidro com vidro, lata com lata, PET com PET), as pessoas envolvidas na logística do material não precisam entrar em contato direto com a embalagem. Os sacos são coletados e levados até centrais de armazenamento, onde as embalagens podem ser transportadas, diretamente, para contêineres exclusivos para cada tipo de material. O prazo para encher esses contêineres e enviá-los para usinas de reciclagem é maior que os cinco dias que o material precisa para estar isolado e, assim, livre do risco de contaminação.

A "segregação na fonte de geração", ou seja, a separação por tipo de embalagem realizada na casa de cada um, facilita o trabalho de catadores, cooperativas e empresas que lidam com os recicláveis, evitando que rejeitos jogados, de maneira equivocada, contaminem os recicláveis. Além disso, reduzirá em até 95% a necessidade de triagem.

E mesmo que o serviço de coleta seletiva tenha sido suspenso, temporariamente, por causa da pandemia, em alguns bairros de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília é possível contar com empresas privadas, como a Green Mining, que neste período de quarentena tem realizado a coleta dos recicláveis que são separados por tipo em condomínios, mercados e estabelecimentos que estão trabalhando com delivery.

É importante ressaltar que a Abrelpe orienta o descarte de luvas e máscaras no lixo comum e com um revestimento extra – elas podem ser colocadas em mais um saco plástico – e pessoas com COVID-19 ou suspeitas de estar com o vírus não devem realizar a separação do lixo para evitar contaminação. Vale lembrar que o descarte desses itens de proteção junto aos materiais recicláveis coloca em risco os coletores e outros profissionais que trabalham nessa atividade.

Vivemos um período de incertezas. Faça por você, por quem está do seu lado, pelo meio ambiente e empatia pelo próximo. Chegou a hora de mudar a maneira como enxergamos, cuidamos e vivemos no planeta.

Chegou a hora de mudar a maneira como enxergamos, cuidamos e vivemos no planeta

O Estado liberal e o Estado autoritário

GAUDÊNCIO TORQUATO

Jornalista, professor titular da USP e consultor político e de comunicação

Ponto um: o Estado nas democracias ocidentais foi surpreendido pela COVID-19 e, com exceção de uma ou outra nação, tem se mostrado incapaz de dar respostas mais urgentes à pandemia. O Estado liberal e o Estado do bem-estar social estão no banco dos réus. Ponto dois: a China, que teria sido o nascedouro do vírus, deu respostas mais eficazes ao massacre pandêmico, em função da rigidez das ordens emanadas pelo poder central – o Partido Comunista –, e acatadas pela população. O Estado autoritário, até o momento, está na vanguarda dos feitos positivos da guerra.

Ante esse quadro, levanta-se a questão: nesses tempos de incerteza e medo, o Estado forte é mais apropriado para enfrentar as crises que o Estado liberal democrático?

Essa questão é relevante. Como é sabido, temos à frente da economia um perfil comprometido com o Estado liberal, o ministro Paulo Guedes, que prega deixar sob a esfera estatal apenas obrigações em áreas como educação, segurança pública e saúde. Centenas de empresas que contam com a participação do Estado deverão passar à iniciativa privada, existindo para tanto até uma secretaria especial.

Aqui e alhures, porém, discute-se a ideia de dar mais força ao Estado para que possa resolver situações críticas e vitais como epidemias, pandemias, enfim, os desafios de um mundo em plena transformação.

Seria o caso de se imitar a China? Não. O que se vê ali é um capitalismo de Estado, forjado para alavancar os potenciais do país e torná-lo uma potência econômica, se possível a primeira do mundo. A par da alavanca da economia, a China é um Estado autoritário, que sufoca as liberdades individuais e sociais, materializadas na censura ao pensamento, à livre expressão e associação – criação de partidos políticos, por exemplo –, valores incompatíveis com os direitos humanos.

Não é, portanto, espelho para a democracia. Por outro lado, as nações democráticas dão passos, mesmo pequenos, nos caminhos do revigoramento de suas obrigações. Nas crises, o papel do Estado se avoluma, como temos observado neste ciclo da COVID-19.

Um dos papas da ciência política, o sociólogo francês Alain Touraine, prega o aumento da capacidade de intervenção do Estado como forma de uma nação atenuar as desigualdades. Nos moldes em que atua hoje, o Estado tem sido fraco para debelar mazelas.

Essa é a razão pela qual os governos agem no varejo, trabalhando no curto prazo, sem planejamen-



Quinho

Estado forte, por aqui, tem sido sinônimo de autoritarismo, arbitrariedade, estrutura burocrática gigante e ineficiente

to e com presidentes, como Jair Bolsonaro, envolvidos em profunda crise política, trocando ministros, anunciando remédios salvadores antes do atestado da ciência, tentando fazer agradar às bases e angariar apoio para operar a administração.

Mas Estado forte, por aqui, tem sido sinônimo de autoritarismo, arbitrariedade, estrutura burocrática gigante e ineficiente, corporativismo etc. Donde emerge a questão: como encoller o Estado de sua estrutura paquidérmica, dando-lhe capacidade de planejar a longo prazo, sem reformas capazes de deflagrar novos costumes e consolidar as instituições?

Respostas óbvias: realizando as reformas necessárias para otimizar a gestão, nos moldes da trabalhista e da Previdência. Importa avançar com um amplo leque de mudanças.

Com esse escopo, é possível juntar no mesmo balaio os eixos do Estado liberal, do Estado do bem-estar social e do Estado que intervém no mercado quando necessário; maior institucionalização política; racionalidade administrativa; eliminação progressiva do corporativismo; mudança da política de clientelas; adoção da meritocracia; revigoramento dos partidos.

É evidente que essa meta, por nossas plagas, só será alcançada quando as tensões entre os três poderes forem amainadas, com estrita obediência aos trâmites constitucionais, a independência e a harmonia entre eles. Trata-se de um desafio que ultrapassará décadas. Os governos, sem exceção, têm pregado essa cartilha. Mas encontram obstáculos para cumpri-la.

Reformar o Estado não é tarefa para um só governo. O reformador tem inimigos na velha ordem, que se sentem ameaçados pela perda de privilégios, e defensores tímidos na nova ordem, temerosos de que as coisas não deem certo.

Sobram indagações: em quanto tempo o país voltará a respirar com seus pulmões sadios? Como aparar desigualdades com programas que dão vazão a climas concorrenciais? Como resgatar a economia nesses tempos turbulentos? Como chamar de volta os investimentos quando o fantasma da recessão joga o país no fundo do poço?

Ante a atual paisagem, que tipo de Estado mais condiz com nossa democracia?

Confinados por aqueles que confinamos

ALELUIA HERINGER

Líder de sustentabilidade do Centro de Referência Agostiniano em Ecologia Integral

Um aspecto da pandemia pouco explorado é o fato de estarmos confinados devido à forma equivocada como nos relacionamos e confinamos as outras espécies. Vivemos em uma casa comum; entretanto, procedemos como se a nossa espécie fosse a única com direitos.

Dizemos e cantamos que "tudo está interligado, como se fôssemos um", porém, somos seletivos e cortamos as interdependências que nos conectam com o mundo natural. Vemo-nos fora e acima da teia da vida. Como bem diz o papa Francisco, "esquecemos que somos Terra" e, acrescento, esquecemos que somos animais, animais humanos. Somos, nesse sentido, "especistas", expressão cunhada pelo filósofo americano Gary Francione. Nossa ética é tradicional, construída pelo homem e para o homem.

Sabemos que o novo coronavírus, que pode causar infecções respiratórias graves, é uma zoonose, ou seja, uma doença que começou em animais infectados e foi transmitida de animais para as pessoas. A culpa não é dos animais, mas da forma como os manipulamos. Os mercados aber-

tos da China misturam alimentos, animais silvestres e domésticos, vivos ou abatidos na hora, na frente do freguês. Ambiente que favoreceu a contaminação de humanos pelo, agora famoso, Sars-CoV-2, agente causador da COVID-19. Os tradicionais mercados públicos de nossas cidades fazem algo semelhante ao vender pássaros, galinhas, cachorros e tartarugas em espaços exíguos, insalubres, sujos e de grande aglomeração, junto com verduras, queijos, carnes etc.

Em 2013, relatório da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO) já denunciava que sete em cada 10 doenças surgidas desde a década de 1940 eram de origem animal. A mistura de nossa ação predatória em relação aos ecossistemas, o confinamento de animais em grande escala e as grandes aglomerações nos centros urbanos tornaram o ambiente favorável para a seleção de novas mutações e o aparecimento de novas doenças para as quais não há remédios ou vacinas e nos deixam, a cada dia, mais vulneráveis.

Segundo Yuval Noah Harari, no livro *Homo Deus*, "durante milênios, o *Homo sapiens* tornou-se o mais importante fator individual na mudança da ecologia global". Ele traz um dado espantoso sobre a atual composição da biomassa global de animais de grande porte: 100

milhões de toneladas de grandes animais selvagens; 300 milhões de toneladas de humanos; e 700 milhões de toneladas de animais domesticados. Os princípios de organização dos ecossistemas não permitiriam essa bizarrice de uma espécie se multiplicar *ad infinitum*, sem que processos naturais fizessem a correção. Nossa curta visão e critérios que só enxergam a natureza e as espécies animais com a lente da utilidade e lucro, ao contrário, dão o nome para isso de desenvolvimento e progresso. Precisamos nos atentar para o confinamento de animais pela indústria da carne, que abate bilhões de animais por ano. Ou que o rebanho bovino brasileiro tem mais cabeças que toda a população brasileira.

Nesse reencontro com aquilo que alimenta o nosso corpo, deveríamos nos perguntar: de que é feito isso e aquilo? Como é produzido? Ficamos surpresos ao ver que, da hora em que acordamos até a hora em que vamos dormir, tudo aquilo que comemos tem algum ingrediente de origem animal. Devemos nos perguntar: é preciso? Esse ato automático de levar o garfo até a boca, para muito além do gosto pessoal, cultura ou tradição, em tempos de pandemia, passa a ser um gesto sanitário, ecológico, político, ético, humanitário, social e, por que não, saudável.

S/A ESTADO DE MINAS

FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

DIÁRIOS ASSOCIADOS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

SUCURSAL SÃO PAULO
Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732/766 - Edifício Mary Harriet Speers - 7º andar - Bairro Jardins - São Paulo - SP
CEP: 01403-000 • Fone: (11) 3372-0022 • e-mail: sucursal.sp@uai.com.br e associadosp@uaijgiga.com.br

SUCURSAL RIO DE JANEIRO
Rua Fonseca Teles, 114 a 120 - bloco 2 - 1º andar - São Cristóvão - Rio de Janeiro - RJ CEP: 20940-200
Tel.: (21) 2263-1945 • Fax: (21) 2263-2045
e-mail: sucursal.rj@uai.com.br

TELEFONES DE APOIO

Redação

(31) 3263-5330

Editorias:

Gerais

(31) 3263-5244

Política

(31) 3263-5293

Economia e Agropecuária

(31) 3263-5103

Esportes

(31) 3263-5313

Internacional

(31) 3263-5301

Opinião

(31) 3263-5373

Cultura - TV - Pensar

e Divirta-se

(31) 3263-5126

Fotografia

(31) 3263-5214

Turismo

(31) 3263-5333

Informática

(31) 3263-5360

Vrum

(31) 3263-5078

Bem Viver, Guri e

Negócios e Oportunidades

(31) 3263-5048

Feminino & Masculino

(31) 3263-5260

WhatsApp: (31) 99508-4155

SERVÍCIO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Belo Horizonte (31) 3263-5800

DISTRIBUIDOR DE ASSINATURAS INTERIOR

0800 283 5062

SERVÍCIO DE ATENDIMENTO À VENDA AVULSA

Capital e Contagem (31) 3263-5830

Interior de Minas Gerais 0800 283 5062

Telefax Circulação (31) 3263-5961

DEPARTAMENTO DE COBRANÇA

(31) 3263-5421

DEPARTAMENTO COMERCIAL

(31) 3263-5501 e (31) 3263-5224

AGÊNCIAS

O ESTADO DE MINAS trabalha com as seguintes

agências de notícias:

Agência Estado, Agência O Globo, Agência Folha,

France-Press e Reuters.

ASSINE ANUNCIE

Belo Horizonte
(31) 3263-5800

TABELA DE PREÇOS

Localidade	VENDA AVULSA (R\$)	
	2ª e sábado	Domingos
MG, SP, RJ (Capital)	2,50	3,50
RJ (Interior), ES e DF	3,50	4,50
Doutos estados	5,00	6,50

Publicidade
(31) 3263-5501/5197
Classificados
(Pequenos Anúncios Fonados)
(31) 3228-2000

D.A. PRESS MULTIMÍDIA

ATENDIMENTO PARA PESQUISA E VENDA DE CONTEÚDO:
Por e-mail e telefone: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582/1568/0800 647 73 77.
Fax: (61) 3241.1595.

E-mail: dopress@dabr.com.br
Site: www.dopress.com.br